



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

O sítio de Burle

Em meio a tantas ameaças às nossas matas, no campo, e às nossas árvores, nas cidades, uma amiga me deixou com inveja: ela visitou o Sítio Roberto Burle Marx, em Guaratiba, no Rio de Janeiro, tombado como patrimônio cultural da humanidade pela Unesco. É uma riqueza e uma proteção contra a ignorância triunfante. Nada mais justo e oportuno, principalmente no momento em que vivemos de obscurantismo e de agenda de destruição.

Quando puder, o primeiro endereço que gostaria de visitar é o sítio do Burle. Na verdade, ele é um verdadeiro jardim botânico com 40 mil metros quadrados, 3,5 mil espécies de plantas tropicais, um conjunto arquitetônico reformado sob a supervisão de Lucio Costa e Carlos Leão, sete lagos, coleções de arte sacra, de arte popular e de cerâmica pré-colombiana, desenhos, projetos e croquis.

Abriga uma das mais valiosas coleções de plantas vivas do mundo. Tem espécies da Amazônia, de Porto Rico, do Haiti, do Equador, da África e da Índia. Na impossibilidade de viajar até Guaratiba, visitei o livro virtual *Sítio Roberto Burle Marx*. É uma espécie de paraíso tropical na terra: “Deus, para mim, é a natureza”, dizia Burle.

Ele chegou a elaborar um plano paisagístico para Brasília, mas que se perdeu e não foi mais encontrado. Apesar de ter realizado alguns trabalhos primorosos de integração arte-arquitetura na cidade, tais como os jardins do Palácio do Itamaraty, do Teatro Nacional ou do Hospital Sarah Kubistchek, Brasília seria ainda mais harmônica se os projetos de Burle tivessem se materializado.

Burle adquiriu o Sítio Santo Antônio da Bica, em Barra do Guaratiba, em 1949, no Rio de Janeiro. Ele se tornou o maior paisagista do século 20 ao substituir o rigor geométrico do jardim europeu pela exuberância e violência do jardim tropical: “Estou mostrando um pouco aquilo que o Brasil tem de rico, de extraordinário,

mais valioso: cada dia que passo ali estou diante de um pedaço que parece uma oração, que parece um poema, que parece um cântico, em que a natureza se expressa com a violência que ela tem, de beleza e de razão de existência”.

No sítio de Burle Marx, as espécies colhidas em várias regiões do Brasil e de outros países convivem com três tipos de vegetação nativa: o manguezal, a restinga e a Mata Atlântica. Burle demorou mais de dois anos para escolher o lugar ideal para abrigar suas coleções de plantas, organizadas em jardins e viveiros, visitados por pesquisadores do Brasil e de outros países: “Procuramos um lugar que tivesse bonita vista, que tivesse pedras e água, o que consegui”.

O sítio era o lugar que Burle conseguiu a realização plena do seu ideal: “Santo Antônio da Bica tem uma importância extraordinária na minha vida”, dizia Burle: “Abriga uma coleção que estou fazendo desde a idade de 7 anos”. Vários projetos de Burle se frustraram, mas o sítio é a materialização viva da utopia de jardim tropical.

Ele deixou mensagens, dramaticamente, atuais: “Creio que é tempo de o Brasil aprender a amar a natureza — as florestas, os rios, os lagos, os bichos, os pássaros. Creio que é preciso reformular nosso conceito de patriotismo. Patriotismo, para mim, é proteger o nosso patrimônio. Artístico, cultural, e a terra, que nos dá tudo isso”.

PODCAST DO CORREIO

Ed Alves/CB/D.A Press



Márcia Abrahão diz ter construído interlocução com parlamentares

Experiência acadêmica na disputa eleitoral

Ex-reitora da UnB fala sobre a pré-candidatura e discute temas como soberania, educação e ciência

» THAMIRES PINHEIRO*

Principais pautas

Entrada de nomes da academia na política institucional e os desafios do cenário eleitoral brasileiro foram alguns dos pontos de destaque do *Podcast do Correio Braziliense*. Na conversa, as jornalistas Adriana Bernardes e Mariana Niederauer receberam a ex-reitora da Universidade de Brasília (UnB) Márcia Abrahão, que discutiu temas como ciência, educação e soberania nacional.

Ao longo da conversa, além de debater temas estratégicos, como ciência e soberania, Márcia explicitou a decisão de migrar da gestão universitária para a política partidária. Pré-candidata a a deputada federal, ela destacou que a experiência à frente da universidade moldou sua visão sobre políticas públicas. “Prometer é fácil. O que eu apresento é o que foi feito”, afirmou.

A entrada de Márcia na disputa eleitoral tem como diferencial, segundo ela, a experiência acumulada no diálogo com diferentes setores. Durante sua gestão na UnB, a educadora afirmou ter construído interlocução com parlamentares de diversas correntes, especialmente em momentos de crise orçamentária.

A discussão sobre o papel do Congresso também apareceu ligada à necessidade de mudanças estruturais. Durante o episódio, foi ressaltada a importância de renovação política e maior representatividade, especialmente de mulheres. A ampliação dessa presença é vista como estratégica para pautas relacionadas a direitos sociais, educação e ciência.

Outro ponto abordado foi o impacto direto das decisões políticas no cotidiano da população. Questões como financiamento da educação, acesso à saúde e políticas de mobilidade urbana foram citadas como exemplos de áreas que dependem de articulação entre Executivo e Legislativo para avançar.

No Distrito Federal, esses desafios se contornam, segundo Márcia, em exemplos como a falta de vagas em creches, problemas no sistema de saúde e limitações no transporte público. A doutora acrescentou que a formulação de políticas públicas é um elemento central para reduzir desigualdades.

A conversa também destacou o ambiente político atual, marcado pela polarização e pelo avanço de novas tecnologias. O uso de inteligência artificial e a disseminação de desinformação foram apontados como fatores que devem influenciar as próximas eleições. “Ainda não estamos preparados para lidar com o impacto dessas tecnologias no processo eleitoral”, acredita Márcia.

Mesmo com o foco ampliado para a política, o debate manteve a conexão com a ciência. A ex-reitora reforçou que decisões estratégicas, como a exploração de terras raras e o investimento em educação, dependem diretamente de planejamento técnico aliado à ação política. A interdependência entre essas áreas foi apontada como determinante para o futuro do país.

Ao trazer sua experiência da universidade para a arena eleitoral, Márcia Abrahão reforça que o futuro do país depende de lideranças capazes de unir conhecimento técnico, diálogo institucional e compromisso com a sociedade.

*Estagiária sob supervisão de Sibelegromonte

BRASÍLIA

66 anos

Uma cidade em constante transformação

Brasília tem história, identidade e grandes protagonistas — e a sua marca pode fazer parte dessa celebração especial.

Em comemoração aos 66 anos da capital, será lançado um caderno exclusivo reunindo conteúdos especiais, memória, desenvolvimento e as empresas que ajudam a construir essa trajetória.

Garanta seu espaço e fortaleça a sua presença junto a quem vive, trabalha e faz a cidade crescer todos os dias.

Entre em contato com nosso comercial!

Associe sua marca a um dos projetos mais estratégicos do DF

Apoio:

Realização:

Promoção:



Aponte a câmera do celular para o QRCode e assista ao podcast com Márcia Abrahão

